

Jesyca Renata de Moraes Brito Terminelis

Graduada em Pedagogia, licenciada em história.
Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica,
Mestre, Doutora em Educação (UCDB).

Eleuza Mendes de Moraes

Graduada em Pedagogia (FARES).
Licenciada em Geografia e Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional (FACETEN).
Mestre em Educação (UCDB).

Rômulo Terminelis da Silva

Psicólogo. Pedagogo. Psicopedagogo Institucional e Clínico.
Mestre, Doutor e Pós-doutor em Educação (UCDB).
Ph.D. Em Ciências da Educação (UNILOGOS).

RESUMO

O estudo sobre a utilização da psicopedagogia como ferramenta para solucionar questões de aprendizagem no ensino fundamental, inserindo a temática no contexto escolar, destaca as habilidades para trabalhar as dificuldades de aprendizagem, ressaltando a importância deste profissional, para assessorar a coordenação pedagógica, professores e pais melhorando a qualidade do ensino. Lembrando que o professor é uma grande ferramenta de um processo satisfatório, pois não adianta somente um trabalho de um profissional e sim de uma equipe multiprofissional com foco na criança, proporcionando um trabalho preventivo, com inovações das práticas. Dessa forma, tem-se como finalidade neste artigo, discutir a importância do Psicopedagogo no contexto escolar através de sua atuação. O trabalho desenvolveu-se através da pesquisa bibliográfica e qualitativa. Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, de campo, em caráter exploratório, de maneira qualitativa, e descritiva. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo.

Palavras-chave: psicopedagogia; ensino fundamental; dificuldades de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre: O estudo sobre a utilização da psicopedagogia como ferramenta para solucionar questões de aprendizagem no ensino fundamental. A Psicopedagogia como ferramenta nasceu da

necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, ou seja, contribuir na busca de soluções para a difícil questão da aprendizagem. Sabemos que é uma temática que deve ser olhada como atividade do indivíduo ou grupos, que mediante a incorporação de informações e desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal dos quais revertem no manejo instrumental da realidade.

O objetivo geral da pesquisa está em: analisar a utilização da psicopedagogia como ferramenta educacional para solucionar dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental, na busca de novos saberes e no desenvolvimento do protagonismo estudantil.

A psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação em saúde e educação enquanto a prática clínica, tem que se transformado em campo de estudos para investigadores interessados no processo de construção do conhecimento e nas dificuldades que apresentam nessa construção. Com a prática preventiva, busca construir uma relação saudável como conhecimento e modo a facilitar a sua construção.

A prática psicopedagógica prevê além da atuação em clínicas, a atuação em instituições. De modo geral, o atendimento clínico visa intervir em situações de insucessos que já s apresentam instaladas. A atuação institucional ocorre, geralmente, em instituições de ensino, empresas, organizações assistenciais. Esta forma de atuação apresenta um caráter preventivo que visa evitar ou minimizar possível situações de insucessos. O objeto de estudo está em: Como a utilização da psicopedagogia como ferramenta educacional pode contribuir para solucionar dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental, na busca de novos saberes e no desenvolvimento do protagonismo estudantil?

Assim diante desta e de outras considerações, o interesse pelo tema de psicopedagogia amplia-se e articula-se à experiência de uma das pesquisadoras que atua como professora universitária e coordenadora de curso de psicopedagogia em uma instituição particular de ensino. Nesta perspectiva, o presente estudo ao pretender desenvolver uma investigação sobre a atual prática do psicopedagogo utilizou como referencial além de um levantamento bibliográfico sobre o tema, uma investigação com professores que também são psicopedagogos e que estejam atuando em diferentes instituições de ensino públicas e particulares.

O trabalho desenvolveu-se através da pesquisa bibliográfica e qualitativa. Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, de campo, em caráter exploratório, de maneira qualitativa, e descritiva. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo.

ASPECTO PSICOPEDAGÓGICOS – NO ENSINO FUNDAMENTAL

A psicopedagogia institucional é o trabalho dentro da escola, com a finalidade de ajudar crianças e adolescentes a resolverem seus problemas na vida escola. Além de orientar a criança o psicopedagogo institucional poderá orientar os pais que passam por problemas familiares. Os psicopedagogos são, portanto, profissionais preparados para a prevenção, diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem escolar.

A psicopedagogia se ocupa de um sujeito que aprende, assim com a psicanálise se ocupa de um sujeito que deseja e a epistemologia genética de um sujeito que conhece. “o ponto moral de sua abordagem não se detém a inteligência, mas a articulação entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, numa relação com um de outro, que constitui o terreno onde o ensino-aprendizagem acontece” (FERNANDEZ, 1992, p.97).

A autonomia do pensamento, possível e necessária para que uma pessoa tenha contato com a faculdade humana mais apreciada que é a liberdade, constitui o objeto desta psicopedagogia. As situações nas quais um ser humano, dotado para conhecer e aprender resigna esta possibilidade aprisionando sua inteligência, constitui o drama de onde emana esta nova disciplina que chamamos psicopedagogia.

Cavicchia em uma abordagem sobre o trabalho psicopedagógico tece algumas considerações sobre a configuração clínica assumida pela prática psicopedagógica, citando:

Este aspecto de trabalho psicopedagógico requer uma atitude de investigação e de intervenção, própria da abordagem clínica no tratamento das questões pedagógicas, ponto em destaque a importância do diagnóstico nessa tarefa. Do ponto de vista metodológico, a observação aparece como o instrumento principal de trabalho, complementada pelo domínio de referenciais teóricos apropriados à interpretação das situações e/ou fenômenos observados (1996, p. 109).

Deste modo, a psicopedagogia implica, também, uma metodologia específica de trabalho. Essa metodologia precisa levar em conta, necessariamente, o contexto em que se desenvolve a ação pedagógica: família, escola, comunidade. No caso da instituição de educação infantil é preciso levar em conta não apenas as características dos educadores e da própria instituição.

Na escola, devem-se favorecer experiências que complementem e enriqueçam o que as crianças possam ter fora da escola; pode-se conseguir isso ao fazer uma análise concreta da situação do contexto familiar e social das crianças em relação ao conteúdo e atividades propostas pelo professor. Na educação no ensino fundamental, é importante, também, considerar os aspectos afetivos e relacionais que possibilitarão às crianças sentirem-se bem na escola, terem vontade de aprender e de participar das atividades

propostas.

As relações entre a família e o centro educativo (escola) devem proporcionar aos pais e mães compreender, aceitar e valorizar o trabalho dos professores e equipe psicopedagógicas encarregadas da ação educativa.

É preciso ressaltar que o trabalho psicopedagógico realizado em instituições obriga o psicopedagogo a situar-se numa perspectiva interdisciplinar, para poder compreender os problemas que se apresentam. Nesse sentido Cavicchia salienta “outra dimensão significativa do trabalho psicopedagógico na instituição de educação e o seu caráter preventivo. Na perspectiva preventiva, pensar a escola à luz da psicopedagogia ‘implica nos debruçarmos sobre a formação do professor’ [...]” (1996, p.209).

A práxis pedagógica é entendida como o conhecimento dos processos de aprendizagem nos seus aspectos cognitivos, emocionais e corporais. Pressupõe, também, a atuação tanto no processo normal do aprendizado como na percepção de dificuldades (diagnósticas) e na interferência no planejamento das instituições e no trabalho reeducação.

Para Lucia Monteiro (2009) os psicopedagogos são profissionais preparados para atender crianças ou adolescentes com problemas de aprendizagens, atuando, como já foi citado, na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico ou institucional. O psicopedagogo poderá atuar em escolas e empresas (psicopedagogia clínica). Com a sua formação, procura-se compensar as lacunas detectadas na formação inicial, tanto dos psicólogos como dos pedagogos, com abordagens e aprofundamento de aspectos teóricos e práticos, específicos para a realização de tarefas tipicamente psicopedagógicas, tarefas essas que implicam o trato com uma gama de conflitos presentes no cotidiano escolar, na demanda clínica, nos programas sociais nas políticas e outros.

Nessa formação busca-se coletar e integrar as contribuições de diferentes campos do conhecimento, principalmente dos campos de conhecimentos psicológicos e educativos. Deste modo, a sua formação exige o domínio de conhecimentos e atribuições de diferentes âmbitos da Psicologia, das Ciências, da Educação e outras, pois o contato com a pluralidade de cultura da vida cotidiana do professor possibilita diferentes trajetórias no trabalho desse profissional.

O campo de trabalho do Psicopedagogo é caracterizado pelo processo de aprendizagem e de desenvolvimento das pessoas, como aprendem e se desenvolvem, as dificuldades, os problemas, como também, as intervenções educativas que devem ocorrer nessa relação pedagógica. Essa intervenção psicopedagógica é um mecanismo educativo que visa à articulação adequada das atividades escolares de ensino e de aprendizagem, às necessidades de formação integral e de desenvolvimento dos alunos.

A atuação do Psicopedagogo na instituição visa fortalecer a identidade, bem como o resgate das raízes dessa instituição, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequar essa escola às reais demandas da sociedade. Durante todo processo educativo, procura

investir numa concepção de ensino e aprendizagem que: a) fomente interações interpessoais; b) incentive os sujeitos da ação educativa a atuarem considerando integralmente a bagagem intelectual e moral; c) oriente e interaja com o corpo docente no sentido de desenvolver mais o raciocínio do aluno, ajudando-o a aprender, a pensar e a estabelecer relações entre os diversos conteúdos trabalhados; e d) reforce a parceria entre escola e família, entre outros.

Nesse sentido, o material didático adotado, após criteriosa análise, deve ser utilizado como orientador do trabalho do professor e nunca como único recurso de sua atuação docente. Com certeza, se almejarmos contribuir para a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da maioria da humanidade, nossos alunos precisam ser capazes de olhar esse mundo real em que vivemos, interpretá-los, decifrá-lo e nele ter condições de interferir com segurança e competência. Para tanto, juntamente com a equipe escolar, o pedagogo estará mobilizando na construção de um espaço concreto de ensino-aprendizado que proporcione um ambiente capaz de intensificar as capacidades cognitivas, sociais e esportivas que estão surgindo nas crianças.

Todo profissional que trabalha com criança sente que é indispensável haver um espaço e tempo para as crianças brincar e assim melhor se comunicar e se revelar: o médico que cria jogos com objetos do consultório, o vendedor que provoca com o comprador-mirim, o professor que possibilita situações lúdicas em sala de aula etc., são formas claras dessa situação. No trabalho psicopedagógico, chega-se as mesmas conclusões, quer seja no diagnóstico, quer no tratamento. Emprega-se a palavra lúdico ao longo do texto no sentido do processo “jogar”, “brincar”, “representar” e “dramatizar” como condutas semelhantes no ensino fundamental.

Segundo oliveira (1984) as crianças ensinam que uma das maiores qualidades do brinquedo é a sua não-seriedade. O brinquedo não é sério para as crianças, porque permite a elas fazer fluir sua fantasia, sua imaginação. Justamente, por não ser sério ele se torna importante. É a não seriedade que da seriedade ao brinquedo. Brincar não é apenas uma forma de recreação. Chateau (1987) diz que o jogo é sério, tendo quase sempre regras rígidas, incluindo fadigas e às vezes levando a criança ao esgotamento.

O brinquedo é para o aluno uma ponte para seu imaginário, um meio pelo qual pode externar suas emoções e criações. Brincando ela nega o empirismo comum nos adultos. Aquilo que é não e. Um carrinho não e apenas um carrinho. É tudo aquilo que sua imaginação quiser. A riqueza do brinquedo reside, então, em sua capacidade de instigar a imaginação infantil e não na capacidade de imitar gestos, informações ou atividades vinculadas na situação de brinquedos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que hoje, a imagem de infância é enriquecida, também, com auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento do aluno.

Moyles em análise sobre necessidades de aprendizagem do papel do professor considera o brincar como “um processo e modo que proporciona uma ética da aprendizagem em que as necessidades básicas de aprendizagem das crianças podem ser satisfeitas” (2002, p.36). Ainda, segundo a autora, essas necessidades incluem as oportunidades citadas a seguir, dentre outras: de praticar, escolher, preservar, imitar, imaginar, dominar, adquirir competências e confiança, adquirir novos conhecimentos, habilidades, pensamentos e entendimentos coerentes e lógicos, conhecer e valorizar a si mesmo e as próprias forças, entender as limitações pessoais, e de ser ativo dentro de um ambiente seguro que encoraje e consolide o desenvolvimento de novos valores sociais.

Como se pode observar, a educação no ensino fundamental deve proporcionar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens devem ser orientadas de forma integrada e interdisciplinar que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relações interpessoais, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança e o acesso pela criança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação baseada na afetividade, motivação e dentro de princípios pedagógicos corretos, poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação do conhecimento das potencialidades, corporeidades afetivas, emocionais, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes, capazes de desenvolver atividades relativas ao corpo, à sensibilidade, à imaginação, como música, expressão corporal, poesia, desenho e trabalho manual.

UTILIZAÇÃO DA MOTIVAÇÃO

A motivação continua sendo um complexo tema para a Psicologia e particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. Atribui-se à motivação tanto a facilidade quanto à dificuldade de aprender. Atribui-se as condições motivadoras o sucesso ou o fracasso dos professores ao tentar ensinar algo a seus alunos. E, apesar de dificilmente detectarmos o motivo que subjaz a algum tipo de comportamento, sabemos que sempre há algum (BOCK; FUTADO; TEIXEIRA, 1997).

A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluindo o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluindo o objeto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.

Para ensinar não basta ter conhecimento de uma série de metodologias de ensino, optando por esta ou aquela, é preciso compreender o próprio aluno: as características de sua personalidade, a etapa de desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social, na qual ele se encontra

bem como a maneira como aprende.

Neste último caso, se quisermos entender as ações individuais ou coletivas de nossos alunos dentro do processo de aprendizagem, é de suma importância que nos lembremos do princípio psicológico, segundo o qual nenhum comportamento existe sem uma causa motivadora que o determine (AZZI; SADALLA, 2002).

Para Cramer e Castle, “O papel dos professores de desenvolver e manter atitudes positivas, bem como mudar as atitudes negativas de seus alunos com relação à alfabetização, é crucial nas escolas de hoje” (2001, p.221).

Segundo Abreu (2001) a atuação do professor que busca apoiar afetivamente seus alunos exige uma atitude de acolhimento, tanto nos aspectos estritamente didáticos quanto nos de relação interpessoal. Na verdade, estes são dois aspectos distintos: aparecem juntos na sala de aula e determina-se mutuamente. Este acolhimento requer do professor a utilização de conhecimento do campo da didática, para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagem relativas às áreas de conhecimentos sobre mecanismos sociológicos, culturais e psicológicos, que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma como se relaciona com eles.

Segundo Abreu (2001) a escola coloca seus alunos em contato com o que não sabem e com o desafio de aprender. Se eles não tiverem autoconfiança bem estabelecida, se não experimentarem o sucesso e a tranquilidade para “ousar” e aprender, se não puderem contar com o acolhimento do professor, a escola poderá desencadear um estresse insuportável, digno de gerar recusa. A motivação significa para os estudantes aquilo que recebem na aprendizagem como uma causa que é possível, que eles desejam realizar.

AFETIVIDADE E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

A organização dos tempos e dos espaços da escola reflete a concepção pedagógica adotada pelo coletivo. Ela permite situar a escola em um espaço de trabalho mais rico, flexível e democrático, abrindo novas possibilidades pedagógicas e de interação, com o envolvimento de alunos, professores e da própria comunidade (MIRANDA, 2000).

Considerando a relevância da educação e afeto, Tisatto e Simadon afirmam: O processo de construção de um relacionamento não acontece de forma mágica. As observâncias de alguns princípios norteadores são fundamentais nessa construção como, por exemplo, reconhecer que todas as pessoas são merecedoras da confiança, da amizade e do respeito dos autores (2002, p.42).

Respectivamente essa relação é estabelecida consigo mesma e com os outros, na tentativa de satisfazer as próprias necessidades, amadurecer e realizar-se. Dantas refere-se à afetividade e a construção do sujeito na

psicogenética de Wallon escrevendo: “A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (1992, p.85).

Já segundo Rossini (2001) a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, e no complemento do equilíbrio e da harmonia da personalidade. Na concepção de Wallon (1962 apud DANTAS, 1992), a emoção constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são bem conhecidos, a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal; ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza: realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação.

Pelo vínculo mediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais, trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela da origem.

Assim, na concepção de Oliveira (2000) tem grande relevância um olhar sobre a gestão em sala de aula. Conforme ela escreveu: A sala de aula é um espaço em construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos.

Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno é uma das questões desafiantes para nós educadores (p.61).

A mobilização para o conhecimento na opinião de Vasconcellos (1995) é uma tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento que o professor propõe e torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto do conhecimento (ação intencional).

É preciso uma “temperatura afetiva”, uma espécie de catalisador do processo de construção do conhecimento. A criança só aprende dentro de um vínculo afetivo. O desenvolvimento é inaugurado pela afetividade e não pela inteligência; de forma análoga a metodologia dialética começa pela mobilização (VASCONCELLOS, 1995).

Os pressupostos descritos evidenciam a relevância da dimensão afetiva na construção do sujeito e na construção do conhecimento. Na concepção de Wallon, “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivas da afetividade emocional (1962, apud DANTAS,

1992, p.65). Como se pode observar a afetividade deve ser constante nas relações professor/aluno.

Evidencia-se a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além de sua influência permanente nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. A afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos de conhecimento, bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor/aluno, uma relação de pessoa por pessoa, o afeto está presente” (AZZI; SADALLA, 2002, p.107).

É importante destacar que a afetividade não se restringe apenas ao contato físico. Como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meio para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às dificuldades e problemas, são maneiras bastantes refinadas de comunicação.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, através de vínculo afetivo, sendo que nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim conquistando avanços significativos no âmbito. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino aprendizagem, na pré-escola e séries iniciais.

Segundo Vasconcellos “o professor, consciente de sua afetividade, deve estar atento para não entrar, por exemplo, no esquema de “agüentar` demais, ser ‘paciente’ demais: não adianta; uma hora vai estourar, às vezes em cima de alguém que nem sabe o porquê” (1995, p.89).

Porém, a função da escola não é primordialmente afetiva. Mais do que uma “comunidade”, onde as pessoas se escolhem e a vida coletiva é baseada em afetos, a escola deve ser uma “sociedade”, isto é, um lugar onde se aprendem as regras da vida em comum, onde se trabalha com objetivos bem definidos, onde se procura que cada um vá o mais longe possível no seu desenvolvimento (NÓVOA, 2003).

No processo ensino-aprendizagem o papel do professor é importantíssimo, ele é o mediador entre a escola e o meio no qual ela se encontra inserida a partir da prática permanente de algo fundamental para a instauração de uma educação emancipatória e democrática: o diálogo. Pois a educação infantil exige mediação pedagógica na linguagem da criança de forma que ela entenda através de experiências lúdicas que favoreçam a

assimilação gradativa dos princípios norteadores, pelo teatro, história, espaços criativos, brinquedos, a tensão e amorosidade.

Rossini (2001) observa que no dia a dia é que a afetividade serve de base para a construção do conhecimento racional. Para ela, as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam bom desenvolvimento intelectual. Portanto, aprender deve estar ligado ao ato afetivo de ser gostoso e prazeroso.

Segundo Rebelatto (2001) a emoção se constitui, também, conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são também conhecidos. Wallon nos diz: "A educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento" (1962, apud DANTAS, 1992, p.71).

Com a educação emocional criamos um vínculo afetivo muito grande: é quando acontece um comprometimento mútuo entre professor e aluno, respeitando a individualidade de cada um deles, enquanto pessoa. As emoções fazem parte do cotidiano das nossas escolas. A todo instante vivenciamos uma experiência emocional que se manifesta de diversas maneiras, com suas características próprias. Um exemplo é bem claro: alguns choram de dor ou tristeza, outros de alegria.

Nóvoa, um renomado educador português, em abordagem sobre a formação integral, apresenta o seguinte pensamento: "Ninguém duvida da importância de formar a pessoa na sua incerteza. As recentes descobertas das neurociências reconfortam-nos na impossibilidade de separar a consciência, as emoções e o sentimento. Pensamos com o corpo e sentimos com a inteligência" (2003, p.63).

Analisando os diferentes enfoques sobre afetividade e a relação professor/aluno pode se afirmar que o professor é responsável por criar um ambiente alegre que facilite a espontaneidade, a comunicação dialógica com experiências diversificadas e enriquecedoras para que as crianças possam fortalecer sua autoestima e desenvolver sua capacidade.

O papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidade, de descobertas, através de uma espécie de facilitação aberta e inspirada, de estimulação do diálogo de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pela criança. Uma vez que a descoberta intelectual é, supostamente, um processo essencialmente social, o professor auxilia o mesmo quando as crianças menores aprendem a ouvir os outros, a levar em consideração seus objetivos e ideias e a se comunicar com sucesso (EDWARDS, 1999).

É importante salientar que o professor não precisa e não deve ser um ditador de ordens, porém limites e controles da classe é de suma importância. Como refere Bassedas: Quando a interação educativa ocorre dentro de uma estrutura flexível e, por sua vez, segura, não há dúvida de que o trabalho do professor se reduz consideravelmente. Em outras palavras: ainda que, no começo seja bastante custoso estabelecer normas de funcionamento, certas

pautas para todos se organizarem, logo que isso seja assumido, a professora libera-se de uma parte considerável de seu trabalho, ao mesmo tempo que permite os pequenos ganharem uma autonomia de ação (1999, p.133).

É relevante evidenciar, que isso tem uma importância própria, uma vez que a interação educativa inclui a função de gestão e controle da aula, absolutamente necessário para alcançar as metas que dão sentido ao trabalho do ensino. A diversidade dos alunos, o seu autocontrole incipiente, a diversidade de propostas que precisam ser adaptadas às suas características e necessidades próprias e outros fatores podem dar aos professores a impressão de atordoamento, de uma tarefa que transborda pelas circunstâncias, ou seja, sentirem-se a ponto de perder o controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste artigo permitiu repensar sobre o estudo sobre a utilização da psicopedagogia como ferramenta para solucionar questões de aprendizagem no ensino fundamental e a influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem no contexto escolar, familiar e sociedade.

A psicopedagogia tem grande importância para o desenvolvimento de uma educação significativa, implica atividades que tenham relevância para o aluno e para o educador. Com pensamentos desta forma, o educador sempre deve utilizar estratégias aliadas à afetividade e motivação que provoquem o desenvolvimento intelectual e autonomia dos alunos.

O professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção pedagógica de modo que facilite o desenvolvimento do espírito crítico, da comunicação. De modo que, os conteúdos desenvolvidos propiciem às crianças construir seus conhecimentos, em interação com os demais membros da sala de aula, da sua própria realidade.

A pesquisa cumpriu seus objetivos, onde foi possível mostrar de forma pedagógica a psicopedagogia como ferramenta para solucionar questões de aprendizagem no ensino fundamental, e pode contribuir com o aprendizado cognitivo do aluno, e podem levar o aluno a desenvolver de forma positiva sua coordenação motora, a afetividade, o cognitivo, convivência social, entre outros, na escola.

Conclui-se que a prática pedagógica deve realizar-se numa situação dialógica entre professor/aluno/família. A interferência do professor deve caracterizar-se pela sensibilidade, preparo técnico-científica, motivação, diálogo e ludicidade. As práticas pedagógicas devem permitir que a criança desenvolva amplamente o seu potencial criador, a sociabilidade, a afetividade, a imaginação e a espontaneidade.

Em síntese, acredita-se que a relação professor/aluno se dá através da afetividade e é de suma importância no processo educativo. As práticas pedagógicas devem ser planejadas, refletidas, motivadas, tendo em vista o perfil do nosso aluno de hoje. Lembrando que um professor afetivo age com a emoção e ensina com a razão.

Considera-se dessa forma a importância do papel que o psicopedagogo tem na escola. Faz-se necessário que o psicopedagogo tenha um olhar clínico; esteja sempre disposto em contribuir junto ao professor e sua família, estando presente sempre com intuito de verificar e compreender ambas as partes, tanto a escola quanto a família.

O psicopedagogo sem sombra de dúvidas deve compreender e saber que a criança interage, troca conhecimentos, mas na maioria das vezes ela precisa através dessas trocas somar forças. Tanto a família quanto a escola são dois pontos de apoio a ela, esses dois pontos devem estar juntos, balanceados, cada um com sua função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Rosa. Acolhimento: uma condição par aprendizagem. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano IV. n.15. nov.2000/jan., 2001.

AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. **A psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. Psicopedagogia na instituição educativa: a creche e a pré-escola. In: SISTO, Fermio Fernandes; et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE (orgs.). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DANTAS, Heloysa; LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDEZ, A. **A. Inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MIRANDA, Glaura Vasques de. Um olhar sobre a organização do espaço e do tempo. In: _ **Salto para o futuro**: um olhar sobre a escola. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

MONTEIRO, Lucia. **O papel do psicopedagogo**. Disponível em: [HTTP://luciamonteiro.com.blog/index.php?archives/3opapeldopsicopedagog_o_html](http://luciamonteiro.com.blog/index.php?archives/3opapeldopsicopedagog_o_html) Acesso em: 21 jun. 2012.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NÓVOA, Antonio. Os professores estão na mira de todos os discursos: são o alvo mais fácil a abater. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano VII. n.27. ag./out., 2003.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é brinquedo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes. Um olhar sobre a gestão em sala de aula. In: **Salto para o futuro**: um olhar sobre a escola. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

REBELATTO, Leila Rúbia Zielke. Aprendizagem e emoção: laços de feto são fatores decisivos no desenvolvimento do aluno. **Revista do Professor**. Porto Alegre. Ano XVII. n.67. jul./set. 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

TISSATO, Maria Lúcia; SIMADON, Siloé Salete. Educação e afeto: importância das relações interpessoais na orientação pedagógica. **Revista do Professor**. Porto Alegre. v.18. n.69. jan./mar. 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.